

A CULTURA DO CANCELAMENTO NAS REDES SOCIAIS: uma visão da psicossociologia e suas consequências no aspecto sociocultural e histórico.

Rodrigo Silva Leal¹
Wallasce Almeida Neves²

RESUMO

Este artigo tem como tema o cancelamento que, de acordo com dicionário (Guia de uso do português confrontando regras e usos) da língua portuguesa, é tornar algo sem efeito, eliminar ou excluir, como eixo principal, e suas vertentes psicossociais, por meio do uso da internet e das relações de poder que podem afetar as pessoas em seu cotidiano. Nesse aspecto, busca-se analisar como o processo de cancelamento dentro das redes sociais podem contribuir para que haja uma modificação psíquica e social por parte dos grupos envolvidos, já que pode existir uma identificação e/ou uma posterior exclusão dentro das dimensões de mobilidade e rapidez que as redes sociais nos propõem. Como centro da pesquisa, utilizaremos a teoria psicossocial como forma de facilitar esse estudo, pois acredita-se que seja a teoria dentro do objetivo proposto que pode dar uma sustentação, tanto sob o aspecto das redes sociais como a visão psicológica desse cenário que se tornam instigantes como forma de pesquisa e abrigam um vasto caminho para o estudo acadêmico sobre o assunto. O método utilizado para obter resultados foi a pesquisa bibliográfica e documental, visando comprovar a importância da atuação das redes, como forma de modificação dos processos psíquicos e de desenvolvimento dos indivíduos. Com isso, buscou-se analisar e perceber como os aspectos do julgamento e a formação do ser humano socialmente com um aspecto narcísico, trouxe influências para dentro das plataformas digitais e o processo do cancelamento.

Palavras-chaves: Cancelamento, exclusão, identidade, psicossociologia, redes sociais.

ABSTRACT

This article has as its theme the cancellation (cancel culture or call-out culture), which means according to the dictionary (Guia de uso do português confrontando regras e usos) of the Portuguese language, to make something without effect, to eliminate or exclude as the main axis, and its psychosocial aspects, through the use the internet and power relations that can affect people in their daily lives. In this aspect, we seek to analyze how the cancellation process within social networks can contribute to a psychic and social change on the part of the groups involved, as there may be an identification and/or subsequent exclusion within the dimensions of mobility and speed that social networks propose to us. As the center of the research, we will use psychoanalytic theory to facilitate this study, seeing as is considered the best approach to provide guidance for the proposed objective. Both the aspect of social

¹ Rodrigo Silva Leal – Aluno Décimo Período Psicologia Doctum.

² Wallasce Almeida Neves – Professor Orientador da Doctum.

networks and the psychological framework of this scenario become instigating as a way of research and provide a vast path for academic study on the subject. The method used to obtain results was the bibliographical and documental research, aiming to prove the importance of the network's performance, as a way of modifying the psychic processes and development of individuals. With this, we sought to analyze and understand how aspects of judgment and the formation of human beings socially with a narcissistic aspect, brought influences into digital platforms and the cancellation process.

Keywords: Cancellation, exclusion, identity, psychosociology, social networks.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca investigar como se dá as relações sociais na internet e como esse processo é percebido dentro do contexto das redes sociais, abordando sucintamente seus principais aspectos. Além disso, será proposta a investigação sob a perspectiva sociocultural das redes e sua ocasional relação tóxica diante do cenário atual chamado de cancelamento, como busca de uma prática de “relação de poder”, utilizada como linguagem psicossocial. Diante disso, será visto também como essa relação psicossocial, através do uso das redes, pode de algum modo modificar/atingir aspectos dentro da dimensão psíquica do indivíduo, alterando suas relações sociais e como essas implicações são vistas dentro da dimensão psicossocial.

A internet, especialmente dentro das redes sociais, pode tanto aproximar pessoas distantes fisicamente e facilitar seu contato, trazendo informação, mas ao mesmo tempo, provocar o distanciamento, a partir do cancelamento. Diante desse processo sociocultural atual que está inserido a ‘pós-modernidade’ abordado por Hall (2005), na qual para ele a mudança cultural tem diversas faces em que ele denomina “múltiplas” (HALL, 2005).

Com isso, não é incomum ao considerarmos esse sentido em que as mudanças culturais múltiplas ocorrem em algum momento no qual determinada pessoa possa vir a ser cancelada/excluída. O nome cancelamento ganha destaque a partir de um movimento de artistas em Hollywood, com ataques direcionados aos chamados *influencers* e outros astros que fizeram o movimento com a hashtag #MeToo, com o intuito de denunciar os abusos sexuais ocorridos as artistas, no cenário de Hollywood. Esse movimento foi feminista, obteve sucesso, levando muitas pessoas a serem processadas e condenadas, como ocorreu no caso do

principal abusador das mulheres no estúdio, Harvey Weinstein, ex-produtor de cinema, de 67 anos, que após as investigações foi condenado a 23 anos de prisão.

Assim, a cultura modificada com o passar do tempo, trouxe aos dias atuais, tanto para os grandes artistas e para as pessoas comuns, uma maior exposição e formas de diálogos facilitadas, mas também, em alguns casos, acusações, com direcionamento para pessoas e instituições, uma vez que, essas pessoas têm suas atividades prejudicadas por meio de boicotes, cortes de público que o seguem, ofensas muitas vezes mediante a ameaças e insultos. Nesse aspecto, percebe-se aqui o uso do “discurso” como forma de cancelamento/exclusão e tipificação, conforme aborda Foucault (1979, p.66) que as pessoas pelo discurso, atribui -se um certo “poder social”, sendo a este discurso inserido uma forma ideológica, que proporciona uma linguagem subjetiva. (FOUCAULT, 1979, p. 66).

Nesse sentido percebeu-se, a partir da exposição social, que as novas tecnologias propõem uma mudança comportamental, que pode ter como consequências o cancelamento e como esse trabalho pode contribuir para uma reflexão e melhor entendimento desse fenômeno tecnológico que em seu primeiro momento pode vir a carregar também, um componente social importante, que proporciona a inserção dentro do campo da psicologia. Assim, como ponto de partida para a busca da pesquisa vislumbra-se a seguinte questão: Como o processo de cancelamento é percebido historicamente em nossas relações sociais e como somos atravessados com sua prática que pode ser usada como uma linguagem psicossocial de afastamento e condição de poder?

Diante do contexto exposto, encontra-se como justificativa para realização desse trabalho, a questão atual de mudança social e aparente comportamento das pessoas advindas das novas ferramentas como as redes sociais. Como esse processo pode atingir de fato a sociedade em sua realidade, considerando aspectos psíquicos que podem trazer alguma dificuldade dentro do convívio social.

Aborda-se também, como o psicólogo dentro de sua profissão pode colaborar com a melhoria da qualidade de vida relacionada a possíveis consequências emocionais e comportamentais que podem vir a atingir as pessoas que utilizam a internet e as redes sociais como meio de se comunicar e que, porventura são canceladas. Consideramos aqui, possíveis aspectos de gatilhos emocionais que possam influenciar na qualidade de vida individual e nos relacionamentos sociais.

O presente artigo tem como objetivo geral investigar como a prática do cancelamento é usada como linguagem psicossocial como forma de afastamento social do outro, investigando quais os motivos psicossociais podem levar as pessoas a cancelar o outro, no contexto das redes e social; identificar como esse processo de cancelamento virtual ou real pode, de algum modo, atingir o outro dentro dos processos psíquicos e das relações sociais; relatar se essa relação do cancelamento social, tem ligação com a “indústria cultural” e como esses processos atingem o psiquismo indiretamente; verificar se dentro desse contexto pode haver alguma atitude de mediação que evite o cancelamento; relatar como o processo de cancelamento pode ser influenciado pela linguagem psicossocial; verificar se entre o não cancelamento e o cancelamento pode existir alguma mediação e se pode existir uma atitude psíquica do cancelado em relação a outras pessoas no dia a dia; analisar, como o cancelamento atua em termos do desenvolvimento psíquico e social do indivíduo.

Diante disso, Gil (2002) descreve que existem diversas formas de elaborações ou articulações existentes na elaboração de projetos acadêmicos e, conforme aponta, pode -se apresentar como metodologia para esse projeto aspectos envolvendo a pesquisa exploratória, como base de investigação e com apoio do uso da pesquisa bibliográfica e documental que pode ajudar a expandir conhecimento (GIL, 2002).

Nesse sentido ainda, Gil (2002) relata que a pesquisa exploratória/investigativa possibilita a utilização de uma vasta gama de documentos que, por meio da revisão bibliográfica, torna-se mais interessante para ser desenvolvida com base em material já elaborado, constituído especialmente de livros e artigos científicos e com um conjunto documental como base de complemento já que se assemelha muito à pesquisa bibliográfica.

REFERENCIAL TEÓRICO

Guattari e Rolnik, (2000, p. 31), nos lembra que a “subjetividade é produzida por agenciamentos coletivos de enunciação, isto é, não é constituída apenas por agentes individuais ou por agentes grupais, mas resultado tanto daquilo que é intrapessoal quanto daquilo que é extra pessoal”. Além disso, os autores entendem o conceito de subjetividade: “como plural que é formada também pelas

interconecções sociais o que determina distintas instancias subjetivas”. (GUATTARI e ROLNIK, 2000, p.31).

Assim, para eles, a interconexão é facilitada por meio dos avanços tecnológicos e pelas próprias mudanças sociais, oriundas da comunicação e informação que permitem que haja uma inscrição na formação da subjetividade, o que eles denominam de “mecanismos inconscientes” (GUATTARI e ROLNIK, 2000), Os autores trazem ainda que o aspecto de transformação subjetiva do indivíduo proporcionada pela tecnologia, continua com o tempo e perpassa não apenas “no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes” (GUATTARI e ROLINK, 2000, p. 14).

Isso reforça a definição de que a subjetividade é elaborada por múltiplos fatores, com a formação de um conjunto que mantém conformidade com o indivíduo/sujeito, como por exemplo, a família, escola, religião, cultura, teatro, cinema, além da própria mídia. Nesse ponto, traz -se também, outros conceitos que podem compor todo conjunto de conceito da cibercultura e ciberespaço abordados por Lévy (1999), que agregam todos os aspectos culturais abordados, além de considerar-se todos esses conjuntos culturais. Lemos (2008), traz para o conceito de ciberespaço um significado também territorial, conceito esse criado inicialmente por William Gibson, na sua obra “Neuromancer, de 1984”, que significa: “um espaço territorial não físico composto por uma reunião de redes de computadores, por meio das quais todas as informações, das mais variadas formas, circulam”. (LEMOS, 2008, p. 125-127). Ainda dentro do mesmo contexto, Lemos (2008), relata que para Gibson (1984) o “ciberespaço Gibsoniano:

É uma "alucinação consensual". A Matrix, como chama Gibson, é a mãe, o útero da civilização pós-industrial onde os cibercibers vão penetrar. Ela será povoada pelas mais diversas tribos, onde os cowboys do ciberespaço circulam em busca de informações. A Matrix de Gibson, como toda a sua obra, faz uma caricatura do real, do cotidiano (LEMOS, 2008, p.127).

Nesse trecho é demonstrado pelo autor o que ele denomina, “a mãe e todas as tribos digitais: o ciberespaço”, demonstra em suma, características da pós-modernidade, na qual as discussões e implicações dentro do conceito de tecnologia e ciberespaços, trazidos por Lévy (1999), promovem uma maior liberdade de agir e uma competição econômica entre as grandes potências à época do surgimento da internet.

Assim, pode-se pensar que as grandes empresas de tecnologia tinham a real intenção de trazer uma melhoria coletiva para as pessoas, tanto as consideradas “comuns” como para as próprias pessoas que ajudavam no desenvolvimento de tais tecnologias que, até aquele momento, engatinhava diante das dificuldades em analisar os aspectos que envolviam o ciberespaço e a própria tecnologia vigente. Lévy (1999), levanta a questão de como poderia esta nova descoberta trazer de algum modo encadeamentos socioculturais para a humanidade. Nesse aspecto, o autor avalia que com o tempo o ser humano amplia e usa esse processo tecnológico de forma mais profunda do que simplesmente um mecanismo de comunicação e aproximação idealizado a partir dos anos cinquenta:

O ciberespaço como o novo meio de comunicação que emerge da interconexão mundial dos computadores – a rede – não apenas em relação à infraestrutura material, mas quanto ao oceano de informações que a comunicação digital abriga, assim como quanto aos humanos que navegam, habitam e se alimentam desse universo (LEVY, 1999, p. 17).

Miranda (2006), continua a discussão trazida por Lévy (1999) ao analisar a computação e todo contexto que compõe a tecnologia, como um aspecto social e ao mesmo tempo individual contemporâneo, com novas formas de interação:

Pensemos na computação, em toda sua gama de tecnologia de ponta que favoreceu o surgimento da internet. O ciberespaço possibilita novas formas de interação, redimensionando a relação do sujeito com o tempo e o espaço. Estaríamos assistindo ao esvaziamento da sociabilidade, ao favorecimento do individualismo contemporâneo, ou à produção de novas formas de socialização? A internet representa, sem dúvida, um modo de produção subjetiva contemporânea, um lugar, mesmo que virtual, de produção de valores, costumes, linguagem. (MIRANDA apud BORDIGNON; BONAMIGO, 2017, p.317).

Guattari (apud Bordgnon; Bonamigo, 2017) tem uma visão diferenciada em relação aos avanços tecnológicos e as subjetividades dos indivíduos. Os avanços tecnológicos tendem a homogeneizar e modelizar as subjetividades. Mas não é por isso que se pode dizer que essas transformações tecnológicas são apenas negativas, tampouco somente positivas. “A produção de subjetividade, pode trabalhar tanto para o melhor como para o pior [...] tudo depende de como for sua articulação com os agenciamentos coletivos de enunciação” (GUATTARI apud BORDIGNON; BONAMIGO, 2017, p.15).

De acordo com Sibilia (2008), para se entender melhor esse processo tecnologia e indivíduo, precisa existir uma compreensão sócio-histórica do surgimento das tecnologias:

O surgimento dessas redes digitais, apontando que elas tiveram início em meados século XX, com o advento das tecnologias eletrônicas, posteriormente, nos primórdios do século XXI, surgiram os computadores que se conectam entre si por meio de circuitos digitais, possibilitando, assim, a comunicação entre seus usuários. Mediante a expansão dessas redes sociais virtuais, inúmeras e aceleradas mudanças passam a ocorrer em nossa sociedade. Surge o correio eletrônico, em seguida os batepapos – que logo se desenvolvem em sistemas mais avançados como o MSN e plataformas digitais como Facebook, Orkut, entre outras. (SIBILIA apud BORDIGNON; BONAMIGO, 2017, p. 317).

Assim, Sibilía (apud Bordgnon; Bonamigo, 2017) nos traz, como informação, que existe a grande virada e transformação social com o avanço da internet, na qual o aumento dos contatos entre as pessoas fica cada vez mais frequente por intermédio das redes. Assim, passa a existir na visão da autora, uma organização em que as redes sociais possibilitam uma certa aproximação lateralizada (entre pessoas próximas) ou horizontal (pessoas consideradas inalcançáveis), o que anteriormente não ocorria, pois, poucos em seu início tinham um real acesso e alcance dos seus avanços.

Para Justo (apud Bordgnon; Bonamigo, 2017), ao analisar as mudanças sociais, reflete sobre como as redes sociais ou virtuais estão próximas com as novas particularidades de nossa sociedade atual: “[...] com a aceleração do tempo e a derrubada das fronteiras geográficas e psicossociais, as relações passam a ser mais fluidas, breves, instantâneas, diversificadas e instáveis” (JUSTO apud BORDIGNON; BONAMIGO 2017, p.70).

Sibília (2008) continua seu raciocínio quando comenta que, com as transformações instantâneas e rápidas da tecnologia no social, passa a existir a espetacularização de nós mesmos com a ajuda das tecnologias digitais. O que a autora chama de “show do eu”, porque para ela há uma centralidade do eu, no qual passa a existir uma “performance” e uma certa obrigatoriedade disfarçada em que as pessoas têm que ser vistas nas redes. Existe todo um mecanismo, mesmo que não perceptível, para que isso ocorra quase que de forma natural nas redes. Porém, segundo Sibilía (2008), “não é exclusivamente por causa do meio internet, que esse fenômeno de exibição ocorre, mas que vem de algumas décadas, dentro da própria evolução humana, na qual a aprovação do outro sempre existiu socialmente para poder viver” (SIBLIA, 2008, 26). Entretanto, existe o que é considerado como uma espécie de “curadoria” em que a principal diferença desse momento para décadas anteriores, está na tentativa de “estar em evidência, e de forma mais acentuada

devido a imagem, que passa a ser considerado algo novo”, dentro de um processo tecnológico e mundial (SIBILIA, 2008, p. 85).

A autora reforça ainda que, em nossa sociedade, havia outras crenças e valores, o que é diferente agora com uma prevalência também do “julgamento”, que com o advento da internet transformou nossa realidade. Nesse sentido, existe uma espécie de narcisismo: mito grego de narciso, cuja beleza era admirada por ele mesmo que pode ainda prevalecer atualmente com a formação das redes e pela chamada visualização virtual. Ainda na visão de Cristian Dunker (2012), “todas as sociedades em sua formação de certa maneira são narcísicas”. Para ele o que diferencia esse momento é a transformação desse reconhecimento acelerada nos últimos quinze a vinte anos mais ou menos. (DUNKER, 2012, p.18).

Com isso, Dunker (2012) reforça que os avanços tecnológicos e a influência destes na vida social cotidiana com um aspecto que ele denomina como desassossegado especialmente entre os jovens que são mais propícios a exploração desse território virtual. Castells (1999), reafirma esse ponto de vista, ao discutir que as redes proporcionaram algumas mudanças na existência individual e de comportamento evidenciada, para ele, como uma moldura: “O novo meio tecnológico molda todos os processos da existência individual e coletiva, pois a busca pela informação é parte integral que fundamenta toda a atividade humana na aquisição do conhecimento” (CASTELLS, 1999, p.16). Porém, isso é feito nos dias de hoje de forma mais acentuada e sem muito refletir. Ele ainda compara as mudanças sociais advindas da tecnologia com mecanismos antigos que serviam de base para mudanças históricas sociais, ao longo do tempo, como por exemplo: a ciência, a filosofia. Dentro disso, o próprio agir social foi modificado o que muda toda nossa perspectiva de vida.

Assim, considerando a diversidade que as redes sociais trazem, elas muito contribuem para as mudanças subjetivas e sociais discutidas por Sibilía (2008), já que permitem desde conversas despretensiosas e com uma informalidade, até aspectos considerados importantes. Esse mecanismo, é proposital como diz Castells (1999), pois facilita a captação de interesse o que puxa o usuário para dentro da tela, com o uso de diversas ferramentas de atração, como: postar vídeos, jogar, acesso a publicações, contato entre outros.

Para Parente (2013), esses mecanismos apontados anteriormente por Castells (1999), são elementos que não se separam dentro desse processo

mediático, ele percebe que a “internet e as redes são movimentos indissociáveis” aos quais, as pessoas acessam e formam um contexto e uma opinião sob os mais variados assuntos, o que pode criar crenças. Sendo compreensível pela aproximação, facilidade de navegação, e pela familiaridade que a internet possibilita a todos, especialmente aos mais jovens que são os que tem grande parte acesso mais facilitado a esse processo de comunicação. (PARENTE, 2013, p.32).

Outra característica das redes é a sua rápida disseminação e ampliação, em diversos locais que “possibilite a disseminação facilitada em locais que oferecem acesso a essa rede”. (PARENTE, 2013, p.30). Sibilia (2008), aponta que essa facilidade contemporânea pode ter contribuído para a formação da sociedade do espetáculo, o que mudou o nosso cotidiano, nosso modo de vida, nosso modo de ver e de nos relacionar com o mundo consideravelmente. Para ela, atualmente, “Somos um conjunto de imagens que necessita ser o tempo todo visto” (SIBILIA, 2008, p.21).

A autora também destaca, que houve um declínio da leitura, da escrita e da arte da conversação, que deram lugar ao “império da imagem”. Neste, a atenção que antes se mantinha concentrada aos aspectos tradicionais de narrativas da era anterior, hoje se volta à cultura audiovisual, ao olhar ligeiro e superficial. Bauman (2004), reforça essa visão quando diz que, pela rede social, eu posto/compartilho algo com o objetivo de mostrar que estou presente e para que as outras pessoas, minhas amigas, vejam para onde vou, lugares que estou ou o que eu tenho feito ultimamente.

O autor nesse trecho comentou da necessidade de se expor, como retoma Sibilia (2008), de se mostrar, o chamado por ele de o “show do eu”, cujo compartilhamento e o ser reconhecido pelos demais está em alta. Assim, existe o aumento do “eu” que passa a ganhar mais expressão, em grupo, inclusive pessoas comuns que habitam esses ambientes tecnológicos tornam -se também, foco da atenção, não sendo mais, apenas as pessoas chamadas de celebridades. (Bauman,2004). Percebe-se assim que, a forma de ser reconhecido pelo outro, se transforma com o advento das redes sociais virtuais. Ainda no sentido, McLuhan (1969, p. 18) comenta que “o meio não é apenas o suporte técnico, o canal neutro, invisível, pelo qual fluem as mensagens da mídia”. O meio, para ele, é o ambiente que se afeta e é afetado, existem tensões e significados. Nesse aspecto de conjuntos de sentidos, Sibilia (2008) traz ainda uma difusão de múltiplas ideias,

informações; apesar disso, existe também, uma facilidade em se cancelar/excluir o outro definitiva ou temporariamente.

Processo considerado mais fácil, se esquivar e fugir de assuntos considerados espinhosos ou que não agradam ao nosso olhar ou fingirmos de algum sentimento que nos desagrada. (CRUZ, 2017. p. 58). Assim, o outro é colocado como invisível ou num conjunto de “invisibilidade social” que é aplicado por definição no sentido real, como: “o resultado de um ciclo, causado pela desigualdade e pela segregação social. “A invisibilidade tem como definição concreta a falta de respeito e o preconceito que muitos trabalhadores e pessoas humildes acabam sofrendo, ou seja, pessoas acabam se tornando invisíveis. (SAVIOLI, Dicionário Guias e Usos, 2003). Demonstra-se que no contexto do cancelamento, pode existir, algum tipo de preconceito com o outro. Para Salaini (2012), isso acontece não somente por um aspecto individual de atitude da pessoa, mas pelo próprio aspecto do avanço tecnológico e da globalização como fator preponderante, já que existe, segundo o autor, uma construção e desconstrução da identidade de grupos e das crenças, que são mutáveis: “Os limites dos sistemas de crenças aos quais os sujeitos se vinculam são constantemente enfraquecidos e atravessados”. (SALAINI, 2012, p. 22).

Ponto de vista reforçado por Bauman (2004), que traz um sentido que para ele muitos sujeitos optam por “conectar-se” em vez de “relacionar-se”, devido à facilidade e rapidez que essas redes sociais virtuais oferecem para a construção e desconstrução de relacionamentos com outras pessoas Para Sibilia (2008), essa rapidez transforma-se também em processos de reflexão e subjetividades, pois não existe mais para sociedade em geral, o aspecto do novo da surpresa, já que tudo que acontece aos outros, ficamos sabendo de forma quase que instantaneamente. “O feed de notícias está sempre ali” (SIBLIA, 2008, p.72).

Essas características de reprodução denunciam o surgimento de subjetividades elásticas e inconstantes e novas subjetividades são construídas. Porém, mesmo diante dessa crítica inicial, a influência das novas tecnologias é tamanha que não é possível ignorá-las, pois, por meio dessas interações, têm-se modificado as mais diversas áreas da atividade humana, as notícias apenas vinculadas a jornais e suas opiniões se tornaram mais acessíveis as pessoas comuns.

Para Cruz (2017), o ponto chave está novamente que, com as redes, aparece potencialidade da imagem: “a imagem pensativa produz pensamentos, ela fala, fala

demais e, nesse falar, ela contraria até o sentido das letras que a acompanham, a ponto de causar a proscricção de seu autor.” (CRUZ, 2017, p. 122).

No que afetam também outras formas de se ver a sociedade e a cultura que, na sua visão, é algo mais do que passageiro. Com isso, surge a necessidade de se pensar a construção da subjetividade, como esclarece Foucault (1995), quando traz aspectos relevantes sobre o processo de relações de poder social e subjetividade durante o processo histórico.

Eu gostaria de dizer, inicialmente, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos. (...). Assim, não é o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral de minha pesquisa. (FOUCAULT apud SANTANA SOBRINHO, ANTONIO et al. 2011, p. 231).

Esses diferentes modos citados por Foucault (1995), também é percebido por Freire (2005), no sentido mais educacional, quando diz “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2005, p. 39). Podemos observar, então, que há uma influência das redes sociais no comportamento das pessoas como uma forma de educar apontada por Freire (2005) e que Foucault (1979), enxerga como um dispositivo de poder que, sutilmente, utiliza-se de diversos dispositivos que atuam produzindo formas de se comportar. Nesse sentido, analisamos se as redes sociais, ao influenciarem a constituição do indivíduo considerado contemporâneos, podem ser caracterizadas como um desses dispositivos do poder disciplinar. (FOUCAULT, 1979).

Dessa forma, as redes sociais são constituídas como um espaço virtual em que se observa essa relativa tentativa de domínio, por meio dos algoritmos. Uma inteligência artificial que conduz os conteúdos e interações de cada usuário ou, em outras palavras: ‘instaura as comunicações úteis’. Desse modo, cria-se o chamado “The Filter Bubble”, termo firmado por Pariser (2012) em seu livro “O Filtro Invisível: o que a Internet está escondendo de você”. Segundo ele, este filtro é colocado na programação algorítmica de redes sociais como Facebook, Youtube, Instagram e dá a direção do tipo de conteúdo e os sites em que o usuário lê e quais as informações normalmente mais o interessam, exibindo cada vez mais um conteúdo compatível com seus gostos pessoais e evitando os temas que seriam conflituosos para ele do

ponto de vista cultural, científico, político e de diversos outros âmbitos, o que é percebido também na série “o dilema das redes”. Como exemplifica Pariser (2012):

As publicações vistas no Feed de Notícias servem para manter você conectado com pessoas, locais e assuntos importantes, começando com amigos e família. As publicações que aparecem primeiro são influenciadas por suas conexões e atividades no Facebook. O número de comentários, curtidas e reações recebidos por uma publicação e o seu tipo (foto, vídeo, atualização de status) também podem torná-la mais propensa a aparecer primeiro no seu Feed de Notícias. (PARISER, 2012 p. 35).

Essa não é uma característica comum apenas ao Facebook como afirma Pariser (2012), como podemos observar também, nos Termos de uso do Instagram:

As pessoas são diferentes. Queremos fortalecer seus relacionamentos por meio de experiências compartilhadas realmente importantes para você. Por isso, desenvolvemos sistemas que tentam entender com quem e com o que você e as outras pessoas se importam, e usamos essas informações para ajudá-lo a criar, encontrar, compartilhar e participar de experiências importantes para você. Parte do que fazemos é destacar conteúdo, recursos, ofertas e contas que possam ser de seu interesse e oferecer formas para você experimentar o Instagram, com base no que você e as outras pessoas fazem dentro e fora do Instagram. (PARISER, 2012, p.35).

Foucault (1979, p.131), volta a analisar essa questão trazendo como temática a “distribuição do espaço, cada indivíduo no seu lugar e em cada lugar, um indivíduo”. Para ele, quanto mais for possível evitar conflitos e grupos tanto melhor, pois as diferenças geram confusão, mas isso não quer dizer que aconteça no modo de um enclausuramento, o que importa é dividir, vigiar e controlar, conforme relata:

Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. (FOUCAULT, 1979, p. 131).

Na mesma perspectiva, Bourdieu (2007) traz uma análise que acompanha Foucault (1987), que é a análise da formação do que ele denomina classe social que pode ser definida “pela estrutura das relações entre todas as propriedades pertinentes que confere seu valor próprio a cada uma delas e aos efeitos que ela exerce sobre as práticas” (BOURDIEU, 2007, p. 101). O que reforça ainda mais o aspecto anterior de cada “indivíduo em seu lugar”, onde as redes sociais podem, por sua dinâmica, trazer a separação dos grupos sociais distintos ou pelo menos considerados assim, e ao mesmo tempo, a junção dos semelhantes. (BOURDIEU, 2007).

Diante desse contexto de direcionamento de conteúdo exposto pelos autores e a aproximação do semelhante está circunscrito em seu interior também, um

discurso que pode ser usado, como forma de aumento ou diminuição do outro, levando ao cancelamento/exclusão ou tipificação por meio do discurso conforme aborda Foucault (1978, p.66), no qual para as pessoas envolvidas nas redes existe um elo no discurso que se atribui um certo “poder social”, sendo a este discurso inserido uma forma ideológica:

O discurso tem uma dimensão ideológica. O discurso é conversa escrita ou falada e o pensamento lhe serve de base. O discurso é sociologicamente importante porque a maneira como falamos ou pensamos sobre o mundo modela o modo como nos comportamos e o tipo de mundo que como resultado aguardamos. (FOUCAULT, 1979, p.66).

Ainda, segundo o autor e de forma mais abrangente em relação ao aspecto do discurso, considera que, quando interpretada de forma coerente, uma certa concepção de ideologia trazida pelo discurso pode ser mais bem aproveitada em seu sentido social real e verdadeiro. Caso contrário, o outro é visto ou torna-se incapaz, por exemplo, de um gesto solidário e de entender o que ocorre ao seu semelhante enquanto ser humano.

É nesse sentido de olhar o outro não só como diferente, mas também, como algo ameaçador, especialmente nas redes sociais que parte a premissa do cancelamento de acordo com Cristian Dunker (2012) que, em uma abordagem em seu canal do youtube, dialoga sobre o tema, sendo inclusive ele mesmo “cancelado” por uma seguidora. Assim, entre várias outras definições, cancelamento: “Ação ou efeito de cancelar (tornar sem efeito); “cancelação ou canceladura” (SAVIOLI, 2003). Guia de uso do português: confrontando regras e usos).

Assim, por meio do discurso muito presente nas redes sociais e a atitude de cancelar, pode vir atrelados aspectos como discriminação que é o preconceito colocado em prática, uma vez que, para a pessoa que pratica esse tipo de ato, existe a distinção entre o que eu acredito e o que o outro indivíduo traz. Porém, essa distinção é trazida nas redes como uma forma de desqualificação do outro. (DUNKER, 2012).

Com isso, a percepção da pessoa que discrimina o outro é limitada e pode trazer também uma barreira para quem pratica em termos de “desenvolvimento psicossocial” e, por consequência, pode não conseguir estar por esse motivo aberto à visão do outro, promovendo discussões, em alguns casos, irrelevantes nas redes. Com essas atitudes, muitos utilizam-se, mesmo que de forma involuntária, da teoria do senso comum, descrita por Berger e Luckman (2002), na qual:

A atitude natural é a atitude de consciência do senso comum precisamente porque se refere a um mundo que é comum a muitos homens. O conhecimento do senso comum é o conhecimento que eu partilho com outros nas rotinas normais, evidentes da vida cotidiana (BERGER & LUCKMAN, 2002, p.40).

Entretanto, mesmo levando em consideração o sentido explicado pelo autor, as pessoas interagem a partir do senso comum. Corre-se o risco de criar o estigma ao levar em consideração apenas a interpretação, aliada a falta de informação como forma de comparação, pois, quando se busca as informações corretas, cria-se a sensibilização e diminui-se o preconceito. Nesse sentido do uso do termo senso comum, como um único ponto de vista a ser considerado, a sociedade tipifica o outro, ou seja, dá características a um indivíduo como se estas fossem comuns a ele, somente por que pertencem a determinado “grupo social”. Um outro exemplo, para ilustrar esse sentido, acontece, quando se diz: “todo brasileiro gosta de samba”. Com isso se esconde as características pessoais e a possibilidade de anonimato ao indivíduo, muito presente nesse aspecto como analisam Berger & Luckman (2002, p.50):

“As tipificações da interação social tornam-se progressivamente anônimas à medida que se afastam da situação face a face, o que pode transformar o indivíduo em anônimo, na composição social” (BERGER & LUCKMAN 2002, p.50). Não se pode ter uma discussão isenta se ela parte inicialmente de uma perspectiva pessoal, de escolhas pessoais, perspectivas de mundo, de realidade e de interesses pessoais. Não existe uma linguagem isenta, como a científica, que poderia ser um modulador externo, o que existe é a expressão pessoal – que é essência controversa.

Deste modo, se categoriza o indivíduo, a partir do que o outro acredita ser, colocando-o dentro de uma parte social pré-existente, na qual todos são pertencentes a um único grupo e, portanto, são “iguais”. Com isso, cria-se o estigma que, de acordo com o dicionário da língua portuguesa, significa: “marcar com ferro em brasa” (SAVIOLI, 2003, Guia de uso do português confrontando regras e usos).

É nesse sentido, de perceber-se como “marcada” que pode atingir as pessoas que estão do outro lado da tela do computador quando julgadas por alguém, assim, ao tipificar, faz com que o indivíduo fique marcado por sua opinião, como se fosse uma característica. Especialmente, quando está destoa de todo um senso comum (BERGER & LUCKMAN, 2002).

Ainda dentro desse aspecto, e a forma da lei, existe em especial, aqui no Brasil, uma preocupação e manifestação com relação a cultura do cancelamento/exclusão. O Supremo Tribunal Federal, (STF), manifestou-se publicamente em 2006, inicialmente, por meio do Ministro Alexandre de Moraes, (2006), cita a liberdade de expressão como um dos fundamentos essenciais de convivência social dentro de uma democracia:

A liberdade de expressão constitui um dos fundamentos essenciais de uma sociedade democrática e compreende não somente a informações consideradas como inofensivas, indiferentes ou favoráveis, mas também aquelas que possam causar transtornos, resistência, inquietar pessoas, pois a democracia somente existe a partir da consagração do pluralismo de ideia e pensamento, da tolerância de opiniões e do espírito aberto ao diálogo. (MORAES, 2006, p. 13).

Assim, as manifestações são feitas de forma seletiva e o discurso, ou seu poder, trazido novamente, como forma de se comunicar, podendo em alguns momentos ser excludente, como aponta o professor Silvio Almeida (2019) no qual, em sua visão, existem malefícios, como durante o evento da cultura do cancelamento, em que ele destaca o mal em que se pode gerar quando se nega a existência de alguém ou de alguma ideia, contrariando as práticas democráticas, pois ignora-se o confronto saudável e a educação. Ao contrário, do que pode ocorrer em outras comunidades mais distantes que, quando a um “erro”, os acertos não são excluídos, pelo contrário, são evidenciados para que haja um equilíbrio e aprendizado.

Diante do exposto por Almeida (2019), pode - se considerar em algum momento que o advento da sociedade em rede vinda dos anos noventa, que dá origem da formação da sociedade globalizada e, da chamada por Castells (1999), sociedade da informação, trouxe consigo, e por consequência, avanços culturais e tecnológicos, mas também processos culturais variados e em evolução dentro da chamada formação em rede. (CASTELLS, 1999)

Desse modo, a sociedade da informação possibilita também o surgimento de vários grupos, dentro do contexto digital, já que para Castells (1999) a difusão de novos processos tecnológicos, “amplificam o seu poder de forma significativa, à medida que os usuários se apropriam dela” (CASTELLS, 1999, p. 75) Assim, há uma aproximação muito forte entre os usuários das redes e a formação de poder infinita, no qual novos domínios tecnológicos são descobertos e pode existir a dominação por um grupo ou grupos dos símbolos e seus significados (CASTELLS, 1999).

O Cancelamento e seus Vieses

Nesse trecho está sendo considerado a formação de grupos, no sentido das massas, como relata Hoffer (1968), para ele existe um aspecto formador das massas o que não é diferente dentro do âmbito das redes sócias, que é o ódio, que é visto como interessante para o aparecimento dos grupos, já que, segundo o autor, mesmo que esse ódio não tenha uma razoabilidade racional, ou como ele mesmo diz “desarrazoados”, torna –se não só um componente agregador, para manutenção dos grupos e o afloramento para a parte externa do ego, que se faz ainda mais notado quando vemos as alianças mais facilitadas, que é trazida pelo sentimento de ódio, sem aparente justificativa ou atrelado a outros sentimentos como mágoa, conforme ele comenta: “O que é de estranhar é que o desejo de ter aliados se torne mais premente, quando o nosso ódio não provém de um mágoa visível e não parece justificado”. (Hoffe, p.90, 1968).

Com isso, relata até um certo sentimento de frustração, que parece ser compensado, por meio da formação dos agrupamentos. Assim, começa –se a ter um entendimento, dos pressupostos, que podem vir a compor a base para o cancelamento, o que pode trazer e proporcionar, alguns movimentos de “exclusão”, não apenas para pessoas consideradas “famosas ou influenciadores digitais”, por exemplo, mas como ocorreu na origem do termo cancelamento que, por meio de uma hashtag “Me too”, contra o suposto assédio sexual por parte de artistas de Hollywood, o que pode trazer também o engano, pois, pessoas consideradas “comuns” podem ser canceladas por expressar suas opiniões ou pontos de vista. Já que, muitas dessas pessoas que são canceladas são prejudicadas por outras que nem sempre, possuem algum destaque relevante e cancelam apenas por desconsiderar algum ponto de vista.

Podemos aqui, visualizar um aspecto sociocultural e de uma mudança significativa do uso das tecnologias sendo atrelado a inversão dentro de um contexto idealizado por Castells (1999), em que a formação ou surgimento da tecnologia seria uma forma de descentralizar o conhecimento e disseminá-lo (CASTELLS, 1999). Com essa inversão passou –se a ter uma descrença no sistema de investigação e justiça, por exemplo, e em muitos casos estão presentes. Uma descrença no próprio Estado.

Essa virada para De Santi (2009), vem sendo proporcionada após “a idade moderna e do renascimento após o homem torna-se o centro (DE SANTI, 2009). Com isso, segundo o autor, “a passagem da idade média para a Moderna proporciona o homem maior liberdade e estruturação de outros regimes de visibilidade” (DE SANTI, 2009, p.16). Essa passagem permite ao homem ter mais liberdade, tanto de costumes, como científicos e tecnológicos. Para Castells (1999), passa a existir um modo evolutivo e tecnológico seria “um ciclo de formação comunicativa”. (Castells, 1999) com um equilíbrio entre aprendizado e avanços culturais, com suas variantes, entre cada local. Ele ainda considera que esse curso de avanço traz também, “por trás das técnicas, ideias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder, toda gama dos jogos dos homens em sociedade” (LÉVY, 1999, p.82).

Ainda dentro da perspectiva cultural, e com um olhar mais acurado para o psicossocial, Lévy (2001), coloca um ponto interessante a respeito da própria dinâmica do sujeito, em conjunto com a formação social, o que isso quer dizer? Que perceber o cancelamento, sob a perspectiva do próprio sujeito e suas limitações sociais, ao visualizarmos aquele que candela, pois, ele também o faz incluído dentro de um social, que tem como pano de fundo e não menos importante, a existência de uma lógica de cancelamento. Pois deve se levar em consideração, a formação social real, que tem influência sob o aspecto comportamental dentro das redes sociais, o que para um olhar menos atento faz crer que sejam formas de viver diferenciadas. Dessa maneira, os indivíduos não estão tão distantes, o que percebe –se uma passagem do aspecto social de realidade, para a internet, especialmente quando consideramos comunicação, cultura e linguagem, pontos importantes da dinâmica social, conforme ele comenta Lévy 2001:

De minha parte, pareceu-me sempre aberrante fazer desaparecer o indivíduo humano do movimento da história, pois, em maior ou menor grau, ele participa da dinâmica de uma determinada sociedade, como psique, como lugar de condutas significativas e como ser em interação contínua com outros, em grupos e organizações. (LÉVY, p. 27, 2001).

O que o autor diz é que existem comportamentos padrões que não são perceptíveis em um primeiro momento, e que existem dentro da própria rede tecnológica ou social, apesar de acreditar-se entro de um senso comum, que o mundo das plataformas digitais sejam diferentes do face a face. Porém, os mesmos modelos de comportamento são observáveis, conforme o mesmo autor nos traz o

exemplo, quando relaciona, às empresas como um modelo típico de uniformidade, mesmo que, a princípio, pareçam ser heterogêneas e com uma liberdade criativa autônoma e individual.

Assim, Levy (2001), nos demonstra outro sentido, quando considera que essa autonomia possa não ser tão completa em nossa sociedade, é o meio caracterizado por ele de “freio”, que traz a existência de uma falsa autonomia, até mesmo dentro do processo criativo, desenvolvidos nas empresas, no qual, a criatividade advém de um padrão já pré-estabelecido. E quando alguém por algum motivo consegue quebrar esse padrão, passa a existir, uma indagação social, não explícita: com expressões, como assim, você vai pensar tão diferente de nós?

Esse sentido nos traz para o olhar de algo que faz -se na prática e não percebemos, que é o nos juntamos automaticamente, a aqueles que pensam e se expressam parecidos conosco, mesmo que em algum momento discordemos, pensamos parecido.

Com isso, passa-se a vislumbrar também, a chave que nos liga ao processo de cancelamento e exclusão, pois, ao discordar mesmo que momentaneamente, o processo de exclusão ou cancelamento passa a se iniciar, porque, como grupo e culturalmente, as pessoas acreditam que devemos ter quase sempre e em especial nas redes sociais o pensamento estritamente igual, o que é quebrado a partir, dessa visão de Lévy (2001), que considera que a formação da psique, passa por uma formação individual, mas que ao mesmo tempo, é envolvida aos mecanismos sociais gerais, de comportamentos padronizados. (LÉVY, 2001). Assim, D. Lagache (1980), diz que mesmo com todo esse mecanismo social, que a princípio nos limita, a individualidade não pode ser deixada de lado, sendo aqui, contrário a esse aspecto de influência cultural total sobre o indivíduo.

Ao contrário a D. Lagache (1980), Lévy (2001), ressalta, que existe a individualidade, mas que essa jornada totalmente autônoma, é dificultada, já que: “todo indivíduo nasce em uma sociedade que instaurou, em parte voluntariamente, em parte inconscientemente, uma cultura”. (LÉVY, p.28,2001). O autor, percebe que somos seres sociais, mesmo que, não pretendemos ser, estamos envolvidos em uma conduta social e cultural, que envolvem também, todo um conjunto apontado por Saussure, (1998), como a percepção social dentro de um significado e significante, que também é abordada pela psicanálise através dos processos linguísticos trazidos por Lacan e explorados por Saussure que, nos mostram uma

conexão entre as diversidades das redes, o cancelamento, pois, para o autor “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (SAUSSURE, 1998, p.80).

Essas considerações não são totalmente fechadas, mas estão demonstradas, sob um conjunto que pode iniciar algum tipo de processo psíquico entre a percepção do indivíduo que cancela e quem é cancelado. Lacan (1998) traz também, um conceito inicial de Freud que se refere a uma identificação parcial.

O sujeito se identifica não com o objeto, mas com alguns de seus traços ou modos, os quais são retirados e incorporados por ele. Ou seja, no contexto das redes, de forma sucinta, pode trazer ao pensamento uma identificação ou não, com uma parte do que ele percebe ou consegue perceber dentro de um contexto, em que, o processo psíquico ou inconsciente, pode levá-lo a cancelar o outro ou não, por meio da percepção que compõem os processos linguísticos. (LACAN, 1998, p.242). Ou ainda, como traz o próprio autor, no processo de narcisismo presente nas sociedades contemporâneas e do conjunto formado pela identificação do eu e do desejo. Assim, Lacan traz a seguinte questão:

O traço unário não está no campo primeiro da identificação narcísica, ao qual Freud relaciona a primeira forma de identificação (...) O traço unário, no que o sujeito a ele se agarra, está no campo do desejo, o qual só poderia de qualquer modo se constituir no reino do significante, no nível em que há relação do sujeito ao Outro. É o campo do Outro que determina a função do traço unário, no que com ele se inaugura um tempo maior da identificação na tópica então desenvolvida por Freud — a saber, a idealização, o ideal do eu. (LACAN apud FERREIRA 2002, p. 242).

Portanto, o que Lacan (1988) nos apresenta são alguns aspectos, como identidade, ideal do Eu, significante e significados que são ricos pressupostos que podem nos levar a análises mais aprofundadas dentro do processo psíquico como forma de contribuição dos psicólogos para compreender os caminhos que levam a um cancelamento/exclusão e suas consequências sociais. Entretanto, Lévy (2001), comenta que em seus estudos e na visão de Freud, apesar desses significantes, significados, percepções e complexidades, que formam um conjunto prático de padrão social:

cada indivíduo é um desvio em relação a todos os outros, na medida em que sua psique se estrutura progressivamente, apoiando-se nas funções corporais, em pessoas e grupos sempre diferentes. Deve-se, portanto, concluir que o indivíduo mais heterônimo (mais conformado aos imperativos sociais) está sempre em condições de demonstrar, como evocava FREUD, uma “parcela de originalidade e de autonomia. FREUD, p. 50, 1920).

Após esse contraponto importantíssimo de individualidade trazido pelos autores, de algum modo, se considerarmos um conjunto de relações psicossociais, a teoria psicanalítica nos traz também outra contribuição quando percebemos esse processo social de agrupar, a partir de identificação como forma central de estudo da formação social padrão como dito anteriormente mais do que isso, passando dentro da teoria Freudiana no conceito de narcisismo.

Freud (1920/2006), aponta para a formação do indivíduo e a própria identidade como forma de reconhecimento individual e também social que percebida de forma diferenciada para cada um e, partir do momento em que o indivíduo se percebe como “pertencente” no mundo, vê que existe a possibilidade de viver em grupos, o que o leva a buscar um grupo no qual ele possa ser acolhido e reconhecido por outros para a busca de um lugar de uma identificação. (FREUD,1920/2006, p.260).

Ainda de acordo com Freud (1920, 2006), os grupos sociais em geral, quando conectados pelos indivíduos, vem carregados de semelhanças e sentidos. O contrário ocorre quando esses indivíduos, por alguma situação ou motivo, não se identificam mais e passam a não reconhecer o outro como semelhante. Assim, o que antes consideravam importante, passa a ser visto de maneira diferente, seja porque opinaram de forma contrária, ou mesmo por uma imagem postada, essa pessoa ou grupos passam a ser percebidos quase como inimigos, e pode existir uma sensação de alguma forma mesmo que falsa cuja lealdade foi quebrada, mudando o sentido inicial que essa pessoa era percebida.

Esse processo de aproximação e distanciamento é visto por Birman (apud Verzoni et. al. 2015), como processo de subjetivação em que as formas de subjetivação criam o espaço necessário para que o indivíduo possa fazer parte da cultura em que vive e tenha uma existência viável — sem ter que desfazer-se totalmente da sua singularidade. Para alcançar esta integração, cabe ao sujeito criar um “estilo de existência” que contemple a sua especificidade e o contexto cultural.

Com isso, Freud (1920/2006), percebe esse processo citado por Birman (1997), sob o aspecto do narcisismo, cujo significado e sentido passam a ser vistos de forma diferenciada de indivíduo para indivíduo. O que antes era bem-visto dentro de um determinado grupo, pode vir a tornar-se “inimigos”, e a partir desse momento há processo de exclusão, preconceito e rejeição que pode ser ainda mais

acentuados se considerarmos que existe, uma tentativa de uma reafirmação do discurso como ideal, por quem pratica. O que pode ocorrer é a humilhação e o estigma para o outro, como aponta Freud (1920/2006). A partir daí, passa a existir um “narcisismo das pequenas diferenças” que carrega junto um certo modelo de desconstrução da imagem do outro criando um caminho aberto para o cancelamento, com possíveis consequências psíquicas e sociais. (Freud, 1920/2006, p.206).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, esse trabalho se propôs a levantar hipótese e discutir o aspecto do cancelamento tendo como ponto de partida a formação social e das redes, com o intuito de demonstrar como a psicologia, especialmente diante do viés psicossocial, pode contribuir para o melhor entendimento desse processo e suas possíveis consequências psíquicas. Além disso, acreditamos que o aspecto cultural característico de sociedades anteriores à internet, foi deixado de lado o que proporcionou uma falta de reflexão, com o declínio da leitura, da escrita e da arte da conversação, que deram lugar ao “império da imagem”.

Neste sentido, a atenção que antes se mantinha concentrada aos aspectos tradicionais de narrativas da era anterior, hoje se volta à cultura audiovisual, ao olhar ligeiro e superficial. Já que, ao observamos mais atentamente, pela rede social, o indivíduo posta/compartilha algo com o objetivo de mostrar que está presente e para que as outras pessoas, “minhas amigas”, vejam para onde vai, lugares que está ou o que tem feito ultimamente. Assim, alguns autores usados nesse trabalho, nos mostram que o meio não é apenas algo estático, mas somos afetados e afetamos as pessoas que ali estão inseridas, com significados, sentidos e linguagem, que são encontrados também, dentro da internet, com características de conjuntos e sentidos.

E mesmo com as múltiplas informações disponíveis, na internet existe uma certa facilidade em excluir ou cancelar o outro, foge -se de discussões e o que torna um terreno mais propício para esquivar e fugir de assuntos considerados espinhosos ou que não agradam ao nosso olhar ou de algum sentimento que nos desagrada.

Dessa forma, as redes sociais são constituídas como um espaço virtual em que se observa essa relativa tentativa de domínio, por meio dos algoritmos. Uma

inteligência artificial que conduz os conteúdos e interações de cada usuário ou, em outras palavras: 'instaura as comunicações úteis'. Assim, o que importa é estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar.

Diante desse contexto, pôde-se perceber que existem, de algum modo, um direcionamento de conteúdo e a aproximação do semelhante que está circunscrito em seu interior. Um discurso que pode ser usado como forma de aumento ou diminuição do outro, levando ao cancelamento/exclusão ou a tipificação. O discurso nesse sentido, passa a ser voltado a um aspecto específico e ideológico, já que ele é importante para nos situarmos e modelarmos o mundo onde vivemos.

Considerando esses aspectos, estamos permitindo que existam, por meio das redes e sua rapidez de informação, uma condição importante, a possibilidade de construir uma nova "vida". Como uma uniformidade cultural e os tribunais que advém, necessariamente desta condição, se a uniformidade em uma medida entendida como suficiente vão haver também, "tribunais", já que os grupos sociais em geral, quando conectados vem carregados de semelhanças e sentidos. O contrário ocorre quando esses indivíduos, por alguma situação ou motivo, não se identificam mais e passam a não reconhecer o outro como semelhante, formando com um aspecto de frustração com ódio. Assim, o que antes consideravam importante, passa a ser visto de maneira diferente, seja porque opinaram de forma contrária, ou mesmo por uma imagem postada, essa pessoa ou grupos passam a ser percebidos quase como inimigos, e pode existir uma sensação de deslealdade, com o que foi quebrado, o que passa a modificar o sentido inicial de percepção.

Assim, mesmo com esse conjunto de formação social, quando existe essa quebra por parte de alguém, e seu julgamento/exclusão/cancelamento nos é demonstrado que não existe uma linguagem isenta, como a científica, que poderia ser um modulador externo, o que existe é a expressão pessoal – que é essência controversa. Com isso, parece haver um engano – a rede não produz democracia – no sentido natural do termo – produz a criação de hordas – Da horda ao estado. O que carrega como consequência a aqueles que por algum motivo discordam ou saem desse modelo virtual, ocorre a humilhação e o estigma, que passa para o outro, uma carga com essa atitude um certo modelo de desconstrução da imagem

do outro criando um caminho aberto para o cancelamento, no qual, o ataque virtual pode não ser somente um resultado, mas, uma tentativa de manter um padrão social já existente um status quo, mesmo em um ambiente à primeira vista que parece social, democrático.

As redes em si são uma forma de dizer que existe uma descrença no sistema de investigação e justiça e, em muitos casos, estão presentes. Uma descrença no próprio Estado, no qual as pessoas tentam de algum modo ditar suas próprias formas de se comportar e até mesmo pela falta de leis mais específicas ainda hoje. Nesse aspecto, deixa-se dois questionamentos: para esse tipo de comunicação virtual trazem uma frouxura quanto ao comportamento social, que já existe dentro do real, ou estamos todos realmente, em alguma medida, nos convertendo em seres midiáticos?

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, S. (2007). **Redes sociais na internet: desafios à pesquisa** [Abstract]. Intercom. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX.
- ALMEIDA, Silvio; **A cultura do “cancelamento” é antipolítica por excelência**. 2019.
- BAUMAN, Z. (2004). **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 2003).
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **Construção Social da Realidade: tratado da sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2002. 21Ed.
- BIRMAN, J. (1997). **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34.
- BIRMAN, J. (2007a). **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BIRMAN, J. (2007b). **Laços e desenlaces na contemporaneidade**. **Jornal de psicanálise**, 40(72), 47-62. Acesso em: 15 Abr. 2021. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v40n72/v40n72a04.pdf>>.
- BORDIGNON, Cristina; BONAMIGO, Irme Salete. Os jovens e as redes sociais virtuais. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 2, p. 310-326, 2017. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/2456> Acesso em 19. Mai. 2021.
- BOURDIEU, P. (2007). **A economia das trocas simbólicas** (5a ed.). São Paulo: Perspectiva.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: A era da Informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos (SP).

DE SANTI, Pedro Luiz Ribeiro. **A construção do Eu na Modernidade**. Da Renascença ao século XIX. 6. ed. Ribeirão Preto: Holos Editora, 2009.

DUNKER, C. I. L. **Estrutura e constituição da clínica psicanalítica**. São Paulo: Annablume, 2012.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FERREIRA, Nadiá Paulo. Jacques Lacan: **apropriação e subversão da lingüística**. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 5, n. 1, p. 113-131, 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/3h77tuP>> Acesso em: 19. Mai.2021.

FOUCAULT, Michel; **A microfísica do Poder**. pag. 66. Rio de Janeiro:Grall,1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 42. ed., 2005.

Freud, S. (2006). **O estranho**. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. 17. pp. 237-270). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).

GIL, Antônio Carlos, 1946 - Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós Modernidade**, Rio de Janeiro, 2005, Ed.DP&A. 10 Ed.

HOFFER, Eric. **Fanatismo e movimentos de massa**. Lidador, 1968.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia: Guia Prático da Linguagem Sociológica**, Rio de Janeiro, 1997, Ed. Jorge Zahar.

LACAN, J. (1998) *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar. . (1985).

_____ O seminário, livro 4, A relação de objeto, Rio de Janeiro, Jorge.

LEMOS, A. **As estruturas antropológicas do ciberespaço**. In: *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LÉVY, André et al. **Psicossociologia; análise social e intervenção**; organizado e traduzido por Marília Novais da Mata Machado et al. – Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 264p

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. (1996). O que é virtual? (P. Neves, Trad.). Editora 34. (Coleção Trans).

MARGARITES, A. P. F., SPEROTTO, R. I. Subjetividade e Redes Sociais na Internet Problematizando as novas relações entre estudantes e professores na contemporaneidade. **RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação**. V. 9 N° 1, julho, 2011.

MCLUHAN, M. **O meio são as mensagens**. Rio de Janeiro: Record, 1969b.

MIRANDA, Jorge. **Notas sobre cultura, constituição e direitos culturais**. Revista da faculdade de direito da Universidade de Lisboa, Coimbra, v. 47, n. 1 - 2, p. 29- 45, 2006.

MORAES, Alexandre de. **Direitos Humanos Fundamentais: teoria geral, comentários aos arts. 1º a 5º da Constituição da República Federativa do Brasil**, doutrina e jurisprudência. 7ª ed. São Paulo. Atlas S.A. 2006, pg. 113. Data de acesso: 07 set. 2020.

MORUZZI, Andrea Braga; ABRAMOWICZ, Anete. Pressupostos teórico-metodológicos da genealogia: composições para um debate na educação. **Filosofia e Educação**, v. 2, n. 2, p. 168-181, 2010. Disponível em: <

PARENTE, A. **Rede e subjetividade na filosofia francesa contemporânea**. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde (Reciis). Ict/Fiocruz, RJ, 2007.

PARENTE, A. **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, p. 303, 2015.

PARISER, Eli. **O filtro invisível – O que a internet está escondendo de você**. Editora Zahar, 2012.

PASSARELLI, B., GUZZI, D., DIMANTAS, H., KIYOMOURA, J. Atores em Rede: Subjetividades e Desejos em Expansão. **Tecnologias de Comunicação e Subjetividade**, Ano 16, 2009.

SALAINI Cristian Jobi et al. **Globalização, Cultura e Identidade**. Curitiba: Inter Saberes, 2012.

SANTANA SOBRINHO, Antonio et al. **Elementos da teoria de poder em Michel Foucault**. 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5598>> Acesso em: 19.Mai. 2021.

SANTO, C. S. E. Entre imagens e textos: **O processo de subjetivação dos jovens nas redes sociais**. 5º Congresso de Estudantes de Pós-graduação em Comunicação. UFF, RJ, 2012.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. Maria Helena de Moura Neves traz.. [Prefácio]. **Guia de uso do português: confrontando regras e usos** [S.l: s.n.], 2003.

SAUSSURE, F. (s.d.) Curso de Linguística Geral, 10 ed., São Paulo, Cultrix.

SIBILIA, Paula. (2008). **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

VERZONI, André Gava; DE MACEDO LISBOA, Carolina Saraiva. Formas de subjetivação contemporâneas e as especificidades da geração y. **Revista Subjetividades**, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3gU9cEY> Acesso em: 19.Mai.2021.